

AINDA É CEDO



RUBEM BRAGA

Está bem contente o nosso embaixador Nabuco, dos Estados Unidos, porque o presidente Truman disse que o governo norte-americano auxiliará com a técnica outras nações para que estas realizem suas aspirações de melhor vida.

Disse nosso diplomata que "uma das características dos Estados Unidos é sua generosidade, pois considera o mundo uma coisa comum".

Fica muito bem a um embaixador dizer essas coisas, que são belas. Mas talvez sejam, também, um tanto precipitadas. O presidente Truman, depois de reeleito, parece inclinado a alterar de algum modo a orientação política interna e externa de seu primeiro governo. Depois da morte de Roosevelt o que vimos com toda clareza foi — pela vontade ou não do presidente — uma recrudescência do reacionarismo. Para os povos da América Latina a situação piorou sensivelmente. O governo norte-americano demitiu-se de qualquer intenção de ajudar diretamente nossos países a construir uma economia menos fragil e primária. Disse com toda clareza ao nosso governo: se precisamos de capitais e técnicos, procurem nossas empresas capitalistas.

Ora, nós sabemos o que vale a ajuda norte-americana. Volta Redonda é um exemplo magnífico do que pode fazer a cooperação. Os americanos nos ajudaram financeira e tecnicamente em um empreendimento que está dando certo, com proveito para nós e para eles. Mas isso foi em outros tempos.

No caso do petróleo o que assistimos é bem diferente. Há quem diga que é do interesse nacional dos Estados Unidos que o Brasil explore o seu próprio petróleo. As autoridades na Marinha norte-americana que estiveram em nosso país durante a guerra encareceram essa conveniência. Mas hoje quando nos voltamos para os Estados Unidos o que vemos é apenas a Standard Oil. O que vemos é um truste que em muitas partes do mundo e principalmente dentro dos próprios Estados Unidos tem sido acusado repetidas vezes de ganância excessiva e de uma completa falta de escrúpulos. Parece haver, no Departamento de Estado, quem entenda que o interesse da política externa norte-americana está em fazer a política deste e de outros trustes.

Contaram-me ontem o caso espantoso de um cidadão brasileiro — homem profundamente ligado, por mil laços de afetos e de negócios, aos Estados Unidos, o velho paladino da cooperação entre os dois países — que está ou esteve em dificuldades para obter um visto em seu passaporte para os Estados Unidos... porque é amigo de um dos generais partidários da solução nacionalista para o caso do petróleo.

Parece que existe, na mentalidade de certos funcionários norte-americanos, a idéia de que um brasileiro que não simpatisa com um truste americano é um antiamericano. Se o presidente Roosevelt resuscitasse hoje e, por azar seu, nascesse no Brasil, haveria de encontrar ali na rua Mexico, um vice-consul qualquer de roupa listradinha para lhe dizer que estava "too sorry" mas não era possível lhe dar o "visa", por ser ele considerado inimigo dos Estados Unidos e talvez mesmo de sua forma de governo. E lhe mostraria, sem falta, algumas declarações suas contra os trustes ou alguma "holding" exploradora de serviços públicos...

Confundir a causa dos trustes com a causa da democracia é o maior crime que se pode cometer contra a democracia mundial. Onde o capital açambarca, impera, oprime e corrompe não há democracia, e sim plutocracia. A luta contra essa plutocracia é a mais bela de todas as legendas da história republicana dos Estados Unidos. É uma luta só, de Jefferson até Roosevelt. É esse tipo de americano — idealista e prático, religiosamente honesto e ao mesmo tempo eficiente — que estamos acostumados a admirar. Esse é o americano que pode ser e tem sido útil ao mundo inteiro, capaz de trabalhar pela felicidade de todos os povos.

O sr. Truman por enquanto não nos deu nenhuma prova convincente de ser, ainda que modestamente, dessa estirpe de homens. Vamos ver se, libertado da pressão republicana, ele se mostra melhor. Mas ainda é cedo para um embaixador, mesmo gentil, louvar belezas que não há.

24.1.49